

A GUERRA ATUAL

Ten.-Cel. Lima Figueiredo

Já se foi o tempo em que uma grande vitória podia decidir uma guerra. Na História Militar topamos inúmeros exemplos de generais disporem com sabedoria seus meios, imporem uma batalha num terreno favorável e ganharem a guerra. Vencido o exército, estava vencido o povo que se submetia sem reação à tirania do vencedor. O efetivo, o material e o chefe eram três elementos que se integravam para a conquista do triunfo.

Um condutor de homens como Napoleão podia vencer um inimigo numericamente mais forte ou melhor armado. A esse respeito contam que, em certa ocasião, ao ser informado de que o adversário era três vezes mais forte, respondera epicamente: — “Tenho 50.000 homens e eu, o que perfaz 150.000”.

Um Waterloo ou uma Tsushima já não decidem, hodiernamente, do destino do vencido, porque na luta não se engajam apenas soldados e marinheiros, mas os povos das nações em beligerância que foram, ha um quarto de século, psicológica e materialmente, preparados para a guerra. Os combatentes se empolgam no combate, porque lhes armam os braços não apenas o cumprimento do dever de desagrar a pátria duma afronta ou o desejo de fazê-la maior e mais rica, porém uma ideologia que julgam capaz de realizar o milagre duma humanidade feliz. Um soldado forte e bem armado, batendo-se sem o ílapso dum ideal, sucumbe diante de outro mais fraco que tenha a guiá-lo a luz duma mística, o magnetismo duma idéia, o calor duma crença, porquanto vence me-

lhor aquele que, em seu corpo animal ou pneumático, no dizer de S. Paulo, possui mais desenvolvido corpo psíquico.

Se o joven povo germânico não tivesse sido, desde o berço, alimentado do que chamam ideal nazista, já teria a Alemanha imitado a Itália, ao sentir-se arrazada pela sarai-vada de bombas que caem dos bombardeiros e ao sofrer os desastres sucessivos impostos aos seus exércitos em todas as frentes de combate. Terá de sustentar mais duro e persistente castigo, até sentir maiores dores na alma do que experimenta no corpo.

O final desta guerra irá marcar o início de uma nova era; e o que chamamos HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA irá ter outro nome, porque acontecimentos de muito maior importância irão surgir, fazendo pequenino e apagado o prestígio da revolução francesa.

A guerra atual envolve todo o planeta. Ha peleja em todos os continentes e em todos os oceanos. Jamais o mundo foi de tal fôrma convulsionado. Há luta em altura, em profundidade, em largura e em comprimento.

O homem a ferro e fogo modifica a paisagem terraquea, armada por Deus ou transformada pelo homem inspirado por Ele.

Na Europa a luta que começou nas planícies da Polônia, alastrou-se e com tal impetuosidade que ela mesmo tomou a denominação de RELAMPAGO, nome que outróra fora dado a um indivíduo apenas — Amilcar Barca. Nem a neve nem o calor a fizeram parar. Nem montanhas, nem rios, nem desertos, nem florestas. Nem aviões, nem submarinos, nem tanques. Ela continua acesa como uma fogueira com muita e bôa lenha...

A guerra foi feita em todos os seus aspectos. Nas planícies, obrigando aos exércitos transporem rios caudalosos, para o que surgiram variegados meios de passagem entre os quais os botes pneumáticos. Nas montanhas da Grecia, no alcantilado da Noruega e no terreno difícil da Itália combateu-se e combate-se usando, muitas vezes, ardís e processos do tempo

de Temístocles, de Anibal e de Cesar. Os aelives mobilizam os muires para o transporte em pleno século da aeronáutica e dos engehos motorizados.

No deserto africano surgem o emprego a larga das minas anti-tanques e a luta pela conquista de uma posição defensiva, num fluxo e refluxo de ações, em pleno oceano de areia.

Na península de Malaca e na Birmânia é o devassamento da floresta e a disputa em plena jangla, onde a febre de mil nuanças mata mais que a bala inimiga.

Nas ilhas dos Mares do Sul é o emprêgo insofrido das operações anfíbias, para a conquista das ilhas e dos arquipélagos. Homens amassados uns contra os outros nos bojos dos navios, descem para embarcações especiais e navegam sob a proteção da aviação e da artilharia de bordo, para conquista de uma cabeça de praia, tomando do defensor o terreno palmo a palmo, empregando ora o corpo a corpo do tempo de Alexandre, ora o ultra-modernissimo lança-chamas que tudo enegrece, estorrica e queima. E depois de tomada a ilha outra luta se agiganta — vencer o meio empestado pelos miasmas, pelas lezírias, pelos cadáveres apodrecidos... E depois de sacrificados tantos, esforços não são poupados para salvar a vida dalguns, sentindo-se, nitidamente, nesse tranze, a linha de contacto entre a barbárie e a civilização, entre o que o homem tem de féra e tem de santo.

Os antigos processos das guerrilhas também estão sendo utilizados, com todas as artimanhas, na aplicação do preceito — surpreende, fere e foge. As montanhas, as florestas e os mares favorecem os guerrilheiros. Os píncaros, os planaltos de difícil acesso, a selva entresachada de lianas, são os esconderijos desses combatentes que pululam na China, nos Balkans e na Birmânia. Nos mares “os comandos” são os mais modernos guerrilheiros, surpreendendo os defensores dum posto, dominando-os e arrazando tudo que encontram, para em seguida abandonarem a terra devastada.

Diante da guerrilha não há fortaleza. Afirmou Dmitry Merejkowsky que “os homens são fracos porque distraídos; e

gênio é a atenção e a atenção é a vontade do espírito". E quasi nunca os guerrilheiros topam com gênios!

Mil processos de guerra foram experimentados; varias armas novas foram inventadas; e até o velho rojão com o nome de "Bazooka" é o terror dos blindados...

Tudo que é capaz de destruir foi posto em dinamismo, menos uma cousa — o gaz de combate. Mesmo assim não é porque ainda haja um resquício de bondade no coração humano, mas sim porque não é bom bulir em casa de maribondo. A guerra química toma um incremento incrível, incontendível, fantástico, contudo não saiu do âmbito dos laboratórios e dos campos de instrução. Tanto as medidas de ataque, assim como as de defesa, tomaram um desenvolvimento indizível. E cada grupo beligerante não ataca porque teme a represália. Apenas isso.

E' essa a guerra que o Brasil vai enfrentar. Guerra de ideologias, guerra de ódios, guerra de vencer ou morrer.

Façamos do nosso ideal o mesmo que levou Tiradentes ao holocausto sublime — morrer ou vencer pela liberdade dos povos, pela melhor compreensão entre os homens, pela independência absoluta da nossa terra. Basta êsse ideal para que o gigante Brasil tenha em cada filho a sua miniatura.

ARTILHARIA ANTI-AEREA NO ESCALÃO D. I.

Pelo TEN. CEL. ROGER W. MOORE

Extraído do *Coast Artillery Journal* pelo Major
Newton Franklin do Nascimento

Repetidas vezes, temos apresentado aos leitores varios estudos explicativos concernentes ao emprego tático da artilharia anti-aérea. Nesses estudos, demos atenção particular à defesa das retaguardas e aeródromos. Contanto que a tática e técnica de tal defesa sejam bastante complexas, em face do grande número e variedade de meios utilizados, a aplicação de seus princípios é simples, em comparação os que se relacionam com a defesa anti-aérea na frente da zona de batalha.

Para abordar um problema tático, o estudo dos meios tem influência capital. No presente trabalho, limitar-nos-emos ao estudo no escalão D. I. A dotação normal de uma D. I., em meios anti-aéreos, consiste em um grupo móvel de peças automáticas. Embora êsse tipo de armamento apresente certas deficiências inherentes à guerra de movimento é, todavia, o melhor que tem sido produzido até a presente data. Algumas autoridades no assunto acreditam que a auto-propulsão do grupo poderia ser melhorada. Sob muitos aspectos, isso é verdadeiro e deve constituir o judicioso armamento de uma D. I., definitivamente motorizada.

O armamento do grupo supre o Comandante da D. I., com 32 peças anti-aéreas. Para assistí-lo técnica e taticamente, fun-

ciona em seu Estado Maiór como órgão especializado, o próprio comandante do grupo.

A missão normal da artilharia anti-aérea consiste na proteção das unidades e instalações terrestres contra ataques aéreos. A missão secundária reside na defesa anti-mecanizada ou anti-naval. O comando deve utilizar a artilharia anti-aérea na tarefa para a qual ela foi adextrada e equipada. Somente após cuidadoso exame da situação, poderá ser atribuída a missão secundária. Normalmente, o armamento anti-aéreo só é empregado contra objetivos terrestres quando a posição se acha ameaçada.

EMPREGO TÁTICO

A aviação de caça constitui a defesa primária do flanco aéreo (1) e o primeiro papel da anti-aérea será, portanto, proteger os aeródromos de caça. Desde que, porém, o domínio do ar não pode nunca ser completo, alguma artilharia anti-aérea será destinada à defesa de pontos de passagem obrigatória, concentrações de tropa, etc., contra ataques do inimigo aéreo que conseguiu penetrar em nosso anteparo de combate. Essa tarefa incumbe ao grupo atribuído a D. I. Os aeródromos serão defendidos, normalmente, pelas unidades anti-aéreas do Corpo e do Exército.

A artilharia anti-aérea fornecerá uma defesa razoável dos elementos vitais. Póde parecer um axioma que não exista sempre artilharia anti-aérea suficiente para suprir a defesa adequada de todos os objetivos prováveis. É preferível, portanto, defender poucos pontos, judiciosamente escolhidos, a dispersar os meios sobre muitos e fracamente.

O comandante da D. I. é quem estabelece a ordem de prioridade da defesa anti-aérea. Cabe-lhe organizar a lista de todos os pontos vitais que interessam à sua missão, grupando-os segundo a ordem de importância. Trata-se, assim, de uma

(1) *Flanco aéreo* é uma locução vaga, sem sentido perfeito, pois, o inimigo tanto pode investir de flanco, como de frente e pela retaguarda. Mas, para não desvirtuar o original, respeitemo-la — *Nota do tradutor.*

responsabilidade do comando, mas o comandante do grupo anti-aéreo deve ser ouvido nessa decisão. Para isso, o comandante do grupo deve estar perfeitamente familiarizado com o plano de operações da D. I. No caso de os canhões, bem como as peças automáticas, serem empregados na D. I., deve-se organizar uma lista separada de prioridade para cada espécie de armamento.

A defesa anti-érea, tanto passiva como ativa, deve ser perfeitamente coordenada e o comandante do grupo é o coordenador indicado. Para preparar judiciosamente um plano eficaz de defesa anti-aérea, o comandante do grupo deve familiarizar-se com os planos da D. I., tanto táticos como dos serviços.

As unidades terrestres cuidarão de sua própria defesa, contra aviões voando baixo, pelos meios passivos e emprego de seu armamento orgânico.

A anti-aérea deve proteger os pontos sensíveis, no eixo de marcha e para êsse fim, as unidades anti-aéreas devem possuir prioridade nas estradas.

A abertura ou cessação de fogo de artilharia anti-aérea não deve revelar o dispositivo nem os planos de manobra.

O comando centralizado é usado sempre que possível.

As unidades de artilharia anti-aérea devem achar-se em posição e prontas para abrirem fogo, antes do momento em que o ataque aéreo é esperado.

ATAQUE

Durante a preparação e execução de um ataque, as tropas de combate são particularmente vulneráveis aos ataques aéreos e à observação do inimigo, não somente devido à sua densidade de concentração, mas também pelo interesse de o inimigo empregar todo o esforço para eliminar qualquer ameaça à sua segurança. Portanto, a artilharia anti-aérea é empregada para proporcionar o máximo de proteção a êsses elementos, cuja destruição ou desorganização ponha em risco o êxito da missão.

Em geral, os canhões anti-aéreos do Corpo protegem da observação inimiga as forças encarregadas do estorço principal, as reservas e a artilharia de apoio imediato. A defesa é coordenada tanto quanto possível. No ataque, os elementos de combate são puchados para a frente, o que permite aos canhões anti-aéreos se aproximarem o mais possível das baterias avançadas da artilharia divisionária. Isso permite melhor proteção dos elementos de combate e facilita, largamente, os deslocamentos para a frente. Normalmente, as baterias de artilharia mais avançadas não ficam a menos de 1.000 m. atrás da base de partida, dependendo da sua colocação no dispositivo das forças terrestres e da configuração do terreno. Dependendo das disponibilidades de meios, os seguintes elementos podem ser incluídos na defesa anti-aérea:

- unidades de assalto, especialmente as encarregadas do esforço principal;
- reservas e estradas destinadas a seus movimentos;
- zonas de artilharia;
- centros de abastecimentos;
- pontes sensíveis na linha de comunicações.

Os elementos acima não estão grupados por ordem de importância. Convém lembrar que a situação é que indica a ordem de prioridade, bem assim que escolhemos as zonas ou locais de instalação segundo a ordem de urgência, e começamos por dar-lhe uma defesa adequada na ordem de importância, até o esgotamento dos recursos anti-aéreos.

Os meios do grupo são dispostos para protegerem esses elementos vulneráveis dos bombardeios em vôo baixo ou mergulho e varreduras a metralhadoras.

Esses elementos são:

- tropas incumbidas do esforço principal;
- reservas;
- zonas de posição da artilharia;
- postos de comando;

- depósitos de munições, trens e centros de abastecimentos;
- outros elementos à retaguarda das tropas de combate em posição;
- pontos sensíveis na linha de comunicações.

Os órgãos de fogo do grupo são deslocados tanto para a frente quanto a situação o permita, mas nunca, ou raramente, a menos de 800 m. Essas unidades são desenfiadas e disfarçadas, para se ocultarem à observação terrestre e aérea. As tropas de combate são responsáveis por sua própria proteção, mas em combate efetivo necessitam da proteção de meios suplementares.

Os projetores são empregados, normalmente, apenas na retaguarda da zona de combate. Sua missão consiste em iluminar objetivos para os canhões anti-aéreos e aviação de caça. Os canhões serão empregados raramente, na frente de combate, em outras missões afóra a de impedir a observação. A aviação de observação, em vôo alto, é extremamente limitada, mesmo nas noites de luar. Póde-se afirmar, pois, que o projetor será de emprego eventual na D. I..

MARCHAS

Durante a marcha de fortes efetivos, póde ser necessário descentralizar o comando da defesa anti-aérea pelos comandantes de colunas. Isso parece uma violação aos princípios do comando centralizado, porém, certas situações podem exigir essa violação. Quando se inicia o movimento, os planos de deslocamento, das tropas e dos serviços, precisam ser conhecidos em suas minúcias, antes de serem preparados os planos de defesa da artilharia anti-aérea. O Exército prescreve, normalmente, o limite posterior da zona que cabe à artilharia anti-aérea do Corpo. O Exército protegerá os elementos à retaguarda desta zona, podendo ser prescrito que seja assegurado por êsse último a defesa da artilharia anti-aérea da área posterior do

As instalações da D. I. não são objetivos normais nem aproveitados aos bombardeios médios ou pesados. Os objetivos apropriados para esse gênero de aviões devem ocupar uma área de 400 ms. de diametro, no mínimo. Nenhuma instalação ou elemento da D. I. deve concentrar-se em zonas de tal dimensão.

As medidas contra a observação aérea constituem exigências elementares de marcha. Para isso, é necessário manter a aviação inimiga tão alta e tão distante que não lhe seja permitido observar com eficiência. Para os movimentos diurnos, o Corpo estabelece a cobertura com canhões anti-aéreos. Na falta de cobertura com canhões, a dispersão dos elementos é a melhor garantia contra a observação. Durante os movimentos noturnos, as peças automáticas atribuídas à D. I. podem impedir a observação aérea, desde que seja mantida uma rigorosa disciplina de marcha. As medidas passivas são utilizadas ao máximo, para a proteção contra a observação a grandes altitudes, tanto de dia como de noite.

Os canhões anti-aéreos do Corpo e do Exército cobrem os pontos sensíveis ao longo da zona de marcha, tais como passagens de cursos d'água, ou terrenos montanhosos. Marcham, em geral, com a vanguarda e são destacados para os pontos a serem defendidos. De acordo com a regra já enunciada, devem estar em posição e prontos para abrirem fogo antes do momento em que se espera o ataque aéreo.

As tropas de marcha são vulneráveis aos bombardeiros em vôo baixo e às varreduras a metralhadoras, mormente na passagem de pontos críticos, tais como pontes, cidades de ruas estreitas, desfiladeiros, etc. Órgãos de fogo do grupo anti-aéreo serão destacados para esses pontos críticos antes da chegada das tropas em marcha e permanecerão aí até o escoamento completo da coluna.

As unidades de artilharia anti-aérea destacadas para a defesa de pontos críticos marcham com a vanguarda, abandonando-a ao atingirem os pontos a serem defendidos.

Cada homem na coluna, empregando todas as armas dis-

poníveis, é um defensor em potencial. Todo o fuzil ordinário ou automático e toda a metralhadora munida de reparo anti-aéreo, deve ser usada contra os ataques em vôo baixo. Cada grupo de quatro caminhões de 2 1/2 toneladas ou mais deve dispor de uma metralhadora, calibre 50, para sua defesa. Essa metralhadora é montada sobre a cabine da viatura.

No caso de ser necessária a defesa de pontos críticos, durante a marcha através do território inimigo, as fotografias oblíquas aéreas têm grande valor. Uma vez organizado o plano dessas fotografias, é preciso cingir-se rigorosamente a êle. Si, porém, ao chegar ao aludido ponto, o comandante da bateria, ou da secção, considerá-lo sem interesse especial para a proteção anti-aérea, deverá comunicar o fato ao comandante do grupo.

Durante a marcha, póde ser aconselhável que se conservem alguns órgãos de fogo disponíveis junto, ou próximo à testa da coluna, para atenderem a qualquer ataque imprevisto.

SURPRESA

A surpresa é um fator tão importante na defesa anti-aérea, como em qualquer outra forma da guerra. Devemos evitar a surpresa, ao mesmo passo que nos esforçamos para surpreender o inimigo.

Um serviço de alarma eficiente é essencial, não só para evitar fadigas inúteis à tropa, mas ainda para assegurar apreensão do objetivo. Os órgãos de fogo anti-aéreo são equipados com sistemas de alarme que quási eliminam a possibilidade de um ataque inesperado.

Os órgãos de fogo que não possuem tais equipamentos restringem-se à apreensão do objetivo apenas pela vista e pelo ouvido. Sistemas de alarma regulares não são práticos para os órgãos de fogo da D.I., em determinados movimentos.

Durante a campanha da Tunísia, uma unidade anti-aérea empregou um sistema de alarma improvisado, numa aproximação ao longo de avenidas. A experiência tinha mostrado que

os ataques viriam na direção dessas avenidas. Dessa forma, a unidade eliminou, praticamente, a surpresa.

Para surpreender o atacante, precisamos utilizar ao máximo todos os subterfúgios. Isso será obtido usualmente por meio de um bom desenfiamento e mudanças periódicas das posições dos canhões e reter a abertura do fogo até o último momento possível.

DEFESA

Durante a defesa, não há a concentração de tropas que ocorre durante a preparação e execução de um ataque. As tropas na zona avançada da posição principal de resistência devem ficar bem dispersas. O dispositivo é mais profundo e a artilharia fica distante da linha de contato.

Os elementos que exigem proteção são:

- tropas na zona de frente da posição principal de resistência;
- artilharia de apoio;
- reservas e estradas para seus deslocamentos;
- postos de comando;
- centros de abastecimento.

Esses elementos não foram grupados por ordem de importância. A artilharia de apoio e as reservas, porém, estarão sempre em primeiro lugar.

Em uma guerra de movimento, a defesa é, em muitos casos, somente uma fase temporária para reinício do ataque ou começo da retirada. Raramente, a defensiva se mantém estática por muito tempo. No entanto, durante esse interregno, o comandante do grupo se ocupa em atender às necessidades do momento, bem como prepara o plano de defesa anti-aérea para a fase de operação seguinte.

Durante a fase da defensiva, é um imperativo que o corpo empregue canhões anti-aéreos para impedir a observação. O

sucesso da operação seguinte, seja um ataque, seja uma retirada, depende sobretudo, em evitar a observação inimiga. O reconhecimento aéreo pôde ser esperado em grande escala, quando nenhuma mudança da operação está sendo preparada.

Também durante a defensiva, o inimigo deligenciará para neutralizar a artilharia. A experiência tem mostrado, largamente, que a artilharia desempenha um relevante papel, desatirculando os ataques inimigos. Portanto, a artilharia em posição representa um objetivo por excelência para a aviação inimiga e, conseqüentemente, necessita de proteção da artilharia anti-aérea.

Uma defensiva ativa se caracteriza pelos contra-ataques. Para realizar um contra-ataque com êxito, as reservas precisam dirigir-se às posições determinadas sem serem molestadas e nem observadas. Conseqüentemente, as reservas e as estradas a utilizar devem ser cobertas, não só pelos canhões, mas também pelo armamento automático da defesa anti-aérea. Si está faltando uma defesa de canhões, os movimentos se restringem às horas de escuridão.

BIVAUQUES E ZONAS DE REUNIÃO

A defesa de uma D. I. bivacada contra os ataques e a observação aérea, depende em grande escala da dispersão de seus elementos e do disfarce. E' facil avaliar as dificuldades para ocultar 10.000 a 15.000 homens e 1.200 a 1.800 viaturas. Mas elas não são tantas como se julga.

Durante uma fase de recentes manobras, uma D. I. blindada americana conservou-se bivacada três dias, sem ser identificada pelo partido oposito, que conhecia, a localização geral do bivaque, mas cujos reconhecimentos aéreos não precisavam a zona com exatidão. Essa divisão possuía mais pessoal e duas vezes mais viaturas do que uma D.I. normal.

Os órgãos de fogo do grupo são empregados para aumentar a eficácia do tiro e ampliar a defesa proporcionada pelos elementos orgânicos da tropa estacionada, a-fim-de estabelecer uma "área defensiva" onde se torne possível.

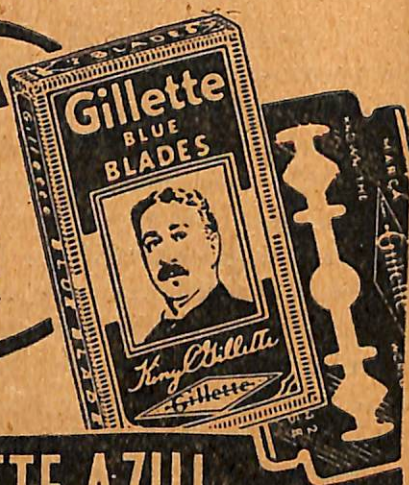
Nos lugares em que a extensão da área ou a falta de meios exigirem, será estabelecida uma ordem de prioridade entre os vários elementos e as peças do grupo serão empregadas na proteção de objetivos individuais de primeira urgência.

CONCLUSÃO

Em conclusão, apresentamos algumas palavras de advertência ao comandante do grupo anti-aéreo destacado junto à D.I. Ele comanda uma unidade essencialmente especializada, que é uma engrenagem vital na máquina de guerra e, como tal, é o responsável pelo emprego judicioso da unidade, tática, técnica e administrativamente. É o conselheiro do comandante da D.I. e seu perito em assuntos anti-aéreos. Tendo sido especialmente adextrado, é responsável pelo judicioso emprego de sua unidade. Para isso, deve manter-se constantemente a par da situação e estar perfeitamente a par dos planos da D.I., quer os do ponto de vista tático, quer os do emprego dos serviços.

BÔA APPARENCIA

NÃO a tem sómente quem se veste com apuro. Ella depende, sobretudo, da barba bem escanhoada, o que só se consegue com a insuperavel lamina Gillette Azul.



Lamina GILLETTE AZUL